

• Matérias Primas

PRODUTOS FLORESTAIS

Ocupação desordenada provoca prejuízos de US\$ 5 bilhões anuais

por Eduardo Sganzerla
de Curitiba

As matérias-primas florestais destruídas pela ocupação desordenada da Amazônia representam prejuízos da ordem de US\$ 5 bilhões por ano, na última década. Estas informações foram prestadas ontem pelo engenheiro florestal José Carlos Carvalho, secretário geral do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), durante a abertura dos trabalhos do I Encontro Nacional de Economia Florestal, em Curitiba. "Não é a indústria madeireira que vem provocando a devastação da Amazônia; os grandes projetos agropecuários e de colonização, implantados sem critérios e que provocam a queima de áreas florestadas, são os verdadeiros culpados", disse.

Na tentativa de reverter esse quadro e criar regras claras para a exploração das matérias-primas da região, o IBDF está desenvolvendo um projeto de zoneamento dos estados amazônicos. Iniciado há dois anos, este trabalho do IBDF foi concluído em Rondônia. Apesar da ocupação também desordenada, segundo Carvalho, 80% da população daquele estado está concentrada dentro da área indicada como ideal para a exploração econômica. Ele observa, entretanto, que "é preciso vontade política dos governos estaduais para que se mude a mentalidade da política de ocupação da região".

A Amazônia brasileira "legal", assim denominada para efeitos de planejamento e desenvolvimento econômico, é constituída

pelos estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso e os territórios do Amapá e Roraima, além de parte do Maranhão e Goiás. São 506 milhões de hectares (60% do território brasileiro), dos quais 25 milhões de hectares (5%) foram ocupados. De acordo com o engenheiro florestal, as partes mais afetadas são Rondônia, sul do Pará, norte de Mato Grosso e a região compreendida no eixo rodoviário da BR-364 (liga Cuiabá—Porto Velho—Rio Branco).

Pela avaliação do IBDF, o valor comercial de madeira em pé na Amazônia abrange 50 bilhões de metros cúbicos (as necessidades de madeira para fins industriais no Brasil até o final da próxima década, por exemplo, são de 120 milhões de metros cúbicos, segundo estimativas da FAO, órgão das Nações Unidas). No entanto, disse ele, as exportações brasileiras de madeira representam, no global, apenas 1% do mercado internacional; os países do Sudeste Asiático respondem por 55% da demanda mundial.

O engenheiro florestal Joaquim dos Santos, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em trabalho realizado sobre a indústria madeireira do Estado do Amazonas, constatou que as empresas apresentam baixas produtividades, devido à forma rudimentar com que exploram a matéria-prima. Ele menciona, por exemplo, que boa parte da madeira é perdida por causa do ataque de insetos e fungos e outra em virtude dos próprios defeitos das toras, cortadas sem discriminação.

Os Estados Unidos são os maiores consumidores

por Eduardo Sganzerla
de Curitiba

O Brasil exportou no ano passado 700 mil toneladas de madeira amazônica, que representaram a entrada de US\$ 340 milhões, em torno de US\$ 100 milhões a mais do que as exportações registradas em 1986. No total, são exportadas 34 espécies amazônicas, mas apenas cinco delas — mogno, virola, sucupira, cedro e ipê — correspondem a 75% do volume global. Essas informações foram prestadas ontem pelo engenheiro florestal Roberto Samanez Mercado, professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), durante o I Encontro Nacional de Economia Florestal.

Na análise que fez sobre a indústria madeireira da região e os mercados importadores, o engenheiro informou que as exportações correspondem a apenas 12% da produção total

da região, onde atuam 2.321 serrarias e 70 laminadoras e fábricas de compensado. A maior parte da madeira extraída na Amazônia (55%) é destinada ao mercado nacional. O consumo local, porém, também é significativo: 33% do total.

O professor esclareceu que os dados de exportações de 1987, fornecidos pela Cacex, são relativos ao período de janeiro a novembro. A principal espécie exportada é o mogno. No ano passado, foram vendidas ao mercado internacional 323 mil toneladas, que significaram divisas para o País da ordem de US\$ 188,2 milhões. Em segundo lugar, está a virola: foram exportadas 94 mil toneladas, correspondendo a US\$ 20 milhões.

Os Estados Unidos, de acordo com o professor, são o maior consumidor de produtos florestais brasileiros. Entre janeiro e novembro de 1987, o Brasil exportou quase 300 mil metros cúbicos de madeira de folhosas, que somaram US\$ 122 milhões. No mercado norte-americano, as exportações brasileiras representaram 25% do total.

Os outros mercados consumidores abrangem a Grã-Bretanha (90% das importações são de mogno), Porto Rico, Canadá e Alemanha Ocidental. O professor explicou que grande número de países importa pequenas quantidades de madeiras brasileiras.

POLIÉSTER — Até meados do próximo ano, a Rhodia duplicará a produção de manta Bidim — geotêxtil não-tecido de poliéster —, passando a fabricar 28 milhões de metros quadrados anuais. O projeto de ampliação está em fase de conclusão e será executado na Unidade Têxtil de São José dos Campos (SP). O aumento de capacidade visa a atender às necessidades dos mercados brasileiro e latino-americano.